

## DESIGNAÇÕES E REFERÊNCIAS SOBRE A GUERRA NA OBRA *O DIÁRIO DE ANNE FRANK*

Layana Kelly Pereira de Holanda\*

Rodrigo Alves Silva\*\*

### **Resumo:**

*Este trabalho apresenta um gesto analítico acerca das designações e referências sobre a Segunda Guerra Mundial, em especial o Holocausto, bem como sobre seus protagonistas. Pretende-se fazer uma abordagem semântico-discursiva que permite analisar o discurso materializado nos dizeres enunciados pelo sujeito Anne Frank da obra *O Diário de Anne Frank* (2015). Tem-se como subsídios teóricos Pêcheux (2002), Orlandi (2003/2006), Guimarães (1995/2005) e Lopes (2009/2013). Elegeu-se como corpus os escritos do Diário intimista de Anne Frank composto em 345 páginas, lançado em 1947. Nele, é possível identificar registros consideráveis de designações e referências à Segunda Guerra Mundial e ao Holocausto. A pesquisa é feita por meio de análises das palavras, termos e expressões presentes na obra, utilizadas pela posição-sujeito Anne Frank, a fim de materializar, simbolicamente, e referir-se ao acontecimento Segunda Guerra Mundial, a qual vivenciou enquanto estava no anexo secreto. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia de uma época sangrenta. No caso de Anne Frank, ela é assujeitada principalmente pelo aparelho ideológico do Estado na figura de Adolf Hitler que impôs a “superioridade da raça ariana”, assim exterminando as minorias.*

**Palavras-Chave:** Análise de discurso; Semântica; Designações; Referências.

### **Abstract:**

*This paper presents an analytical gesture about the designations and references to World War II, especially the Holocaust and its protagonists. It is intended to make a semantic-discursive approach to analyze the speech embodied in the words set by the subject Anne Frank in the book *The Diary of Anne Frank* (2015). It has as theoretical basis Pêcheux (2002), Orlandi (2003-2006), Guimarães (1995/2005) and Lopes (2009-2013). It was elected as the corpus the writings of intimate *Diary of Anne Frank* composed of 345 pages, released in 1947. It is possible to identify significant records of names and references to World War II and the Holocaust. The survey is conducted through analysis of words, terms and expressions present in the book, used by the subject position Anne Frank, in order to materialize, symbolically, and refer to the event World War II, which experienced while she was in secret annex. The individual is*

\* Aluna do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Piauí – UFPI, campus Petrônio Portela – Teresina, área de concentração em Linguagem. E-mail: [layana\\_holanda@hotmail.com](mailto:layana_holanda@hotmail.com)

\*\* Aluno do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Piauí – UFPI, campus Petrônio Portela – Teresina, área de concentração em Linguagem. E-mail: [rodrigoalvessilva@hotmail.com](mailto:rodrigoalvessilva@hotmail.com)

*questioned on the subject by the ideology of a bloody era. In the case of Anne Frank, it is assujeitada mainly by the ideological apparatus of the state in the figure of Adolf Hitler who imposed the "superiority of the Aryan race", exterminating minorities.*

**Keywords:** Discourse Analysis ; Semantic ; Designations ; References.

## Introdução

*“On a gagné” [“Ganhamos”]  
(François Mitterand)<sup>1</sup>*



(Fonte: *Enciclopédia do Holocausto*, 2015)

Pêcheux, considerado em nossos tempos como o pai da Análise de Discurso, traz-nos algumas considerações sobre os discursos tanto como estrutura quanto como acontecimento. Segundo ele, para uma análise discursiva é preciso “tomar como tema um enunciado e trabalhar a partir dele” (PÊCHEUX, 2002, p. 16). Tomamos a enunciação como acontecimento, que se dá pela relação sujeito e língua, mas nessa relação necessitamos reconhecer as estruturas que são apresentadas, observando as que se repetem, convergem e relacionam-se.

Para Guimarães (2005), as coisas existentes são referidas enquanto significadas, e não simplesmente enquanto existentes; enunciamos porque somos afetados pelo simbólico e num mundo vivido através dele. Ao designarmos, estamos constituindo sentido das nomeações.

Na obra *O Diário de Anne Frank*, de caráter intimista e relevador sobre acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, em específico, ao Holocausto, assumir a

<sup>1</sup> Frase pronunciada pelo 1º Presidente eleito democraticamente na França, após da Ditadura, no ano de 1981. Citada em Orlandi (2002, p.19).

palavra é pôr-se no lugar que enuncia. A Locutora Anne Frank é afetada pelos lugares sociais autorizados a falar e em grande parte da obra faz menções à Guerra, a Hitler e a demais sofrimentos, de várias formas e profundidades, sobre uma época em que a vida valia muito pouco, ou mesmo nada.

Trabalharemos no âmbito do simbólico e onde o sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento. Para nós, o acontecimento recorta um passado memorável. Considerando que a obra, em suma, foi escrita em 1ª pessoa, as denominações se tornam, ao mesmo tempo, nomeação, designação e referência.

O “passado”, representado sob as palavras de Anne no diário, é a rememoração de outras enunciações, ou seja, o acontecimento é sempre uma nova temporalização. Segundo Guimarães (2005), as cenas enunciativas são espaços de enunciação que se dão a cada nova atualização do momento. Corroborando com essa perspectiva, Orlandi (2006) afirma que as condições de produção incluem os sujeitos e a situação. Fazendo um agrupamento de pensamentos, tomamos como ponto de partida para esta pesquisa as designações e referências acerca do Holocausto na Segunda Guerra Mundial, que o sujeito Anne esses proferiu nos espaços físico-simbólicos de enunciação da obra. Assim, temos como foco deste trabalho a posição-sujeito Anne Frank no acontecimento Segunda Guerra Mundial.

A posição-sujeito Anne Frank é afetada pelo interdiscurso<sup>2</sup>, portanto falar é estar na memória e não no tempo (empírico). Em outras palavras, a memória discursiva dela é aflorada a cada dia que escreve em seu diário. Na obra, a adolescente se comporta como um sujeito-pragmático e, segundo Pêcheux (2002),

O sujeito pragmático – isto é, cada um de nós, os ‘simples particulares’ face às diversas urgências de sua vida – tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica: isto se marca pela existência dessa multiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que vão da gestão cotidiana da existência (por exemplo, em nossa civilização, o porta-notas, as chaves, a agenda, os papéis etc) até ‘as grandes decisões’ da vida social e afetiva (eu decido fazer isto e não aquilo, de responder a X e não a Y etc) passando por todo o contexto sócio-técnico dos ‘aparelhos domésticos’. (PÊCHEUX, 2002, p. 33).

Ainda sobre esta ideia, entendemos que a posição-sujeito da protagonista toma diversas posições no diário, listamos algumas: *judeu, filha do pai, menina-mulher, questionadora, intelectual, irmã, filha da mãe e vítima*. Dessa forma, Orlandi (2006,

---

<sup>2</sup> Conforme Orlandi (2006), Interdiscurso é o conjunto de formação discursiva, por sua vez, forma um complexo com dominante, que está também afetado pelo complexo de formações ideológicas [...]. O interdiscurso determina a formação discursiva.

p. 19) complementa que “o assujeitamento é a própria possibilidade de se ser sujeito. Ela está sujeita à língua para ser sujeito do que diz”, ou seja, Anne Frank é afetada pelo que acontece e por vezes, não tem o controle sobre o modo com essas situações a afeta.

Acrescentamos que a proposta do trabalho dar-se-á no seguinte plano: a) contextualização sobre o arquivo e o acontecimento da Guerra em questão; b) o entendimento da posição-sujeito Anne Frank frente às adversidades em que estava inserida na época; c) compreensão das designações e referências identificadas na obra, em especial, com alusões ao Holocausto; d) algumas considerações analíticas, tendo como objetivo, a questão das designações e o modo como os sujeitos envolvidos são denominados na obra (na Guerra); e) por fim, algumas considerações finais sobre o trabalho realizado.

### **1. O diário de Anne Frank: o acontecimento Segunda Guerra Mundial**

*“Acontecem coisas mais estranhas quando a gente está escondida!”*  
(FRANK, 2015, p. 56)

Para que entendamos o acontecimento Segunda Guerra Mundial é mister que recuemos no tempo por alguns anos, no intuito de traçarmos uma linha temporal sobre “as guerras” mais marcantes da história da humanidade e que a obra em questão está inserida.

A Primeira Guerra Mundial aconteceu entre os anos de 1914 e 1918. Os países ricos viviam momentos de esperança, crenças de que iriam impor seus desejos (poder) aos países mais pobres. Porém, na verdade, todo esse clima de festa estava escondendo fortes tensões que viriam a deflagrar aquela que também ficou conhecida como a Grande Guerra ou Guerra das Guerras, um dos maiores acontecimentos da história mundial. Foram assinados acordos militares que dividiram os países europeus em dois blocos, que mais tarde dariam início à Primeira Guerra Mundial.

Considerando as condições de produção da obra, a adolescente Anne Frank se encontrava na seguinte conjuntura: a divisão do mundo colocava de um lado a Alemanha, Itália e Império Austro-Húngaro, que formavam a Tríplice Aliança, e do outro a Rússia, França e Inglaterra, compondo a Tríplice Entente. No ano de 1917, os Estados Unidos decidiram entrar na guerra. Eles se posicionaram ao lado da

Tríplice Entente, já que tinham acordos comerciais milionários envolvidos com países como Inglaterra e França. Esta união foi crucial para a vitória da Entente, o que acabou forçando os países derrotados a assinarem a rendição. Otto Frank (militar) se considera alemão e luta pela Alemanha na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Ele é pai de Anne Frank e é condecorado e promovido a oficial do exército. Já de um outro lado, Adolfo Hitler, austríaco, era mensageiro do exército da Alemanha na época.

Já a Segunda Guerra Mundial foi um conflito armado, ocorrido entre os anos de 1939 e 1945. As forças do Eixo (Alemanha, Japão e Itália) enfrentaram os Aliados (Inglaterra, França, EUA, União Soviética, entre outros). Com uma ideia expansionista, Hitler, que entrou no partido do PSC, começou o conflito ao invadir a Polônia em 1939. Era só o início de uma guerra sangrenta e que mataria milhões de pessoas e arrasaria cidades, indústrias e campos. O Brasil também participou do conflito, enviando tropas para Monte Castelo, onde os pracinhas<sup>3</sup> da FEB (Força Expedicionária Brasileira) enfrentaram de forma vitoriosa os soldados italianos e alemães. A Guerra terminou com a derrota da Alemanha em 1945 e com as bombas atômicas lançadas pelos EUA sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.

Os principais elementos da ideologia nazista na época foram: nacionalismo, antissemitismo, e a eugenia, ou seja, à convicção de superioridade da raça alemã sobre as outras raças (arianismo). Nessa perspectiva, entendamos o que o site *sohistoria* (2015) registra sobre a Segunda Guerra Mundial:

A Segunda Guerra Mundial, iniciada em setembro de 1939, foi a maior catástrofe provocada pelo homem em toda a sua longa história. Envolveu setenta e duas nações e foi travada em todos os continentes, de forma direta ou indiretamente. O número de mortos superou os cinquenta milhões havendo ainda uns vinte e oito milhões de mutilados.

É em meio à Segunda Guerra Mundial que a posição-sujeito Anne Frank discorre suas memórias no contexto discursivo “guerra” no diário pessoal e que postumamente seria publicado e ganharia o seu próprio nome: *O diário de Anne Frank*.

Segundo informações retiradas do site oficial sobre a Obra, Anne Frank Fonds:

Em 10 de Maio de 1940, um mês antes, Anne Frank comemorou seu aniversário de 11 anos em Amsterdã, a Alemanha nazista invadiu o

---

<sup>3</sup> É um termo referente aos soldados veteranos do Exército Brasileiro que foram enviados para integrar as forças aliadas contra o nazismo e fascismo na Segunda Guerra Mundial.

pequeno reino neutro da Holanda. A invasão alemã veio como um grande choque para a população. Centenas de pessoas, incluindo muitos cidadãos judeus, cometeram suicídio. Já no terceiro dia da invasão alemã, a rainha Wilhemina dos Países Baixos deixou o país a bordo de um navio de guerra britânico. O Primeiro-Ministro e todo o gabinete seguiram o exemplo. As pessoas reagiram com indignação e decepção para a fuga da rainha e do gabinete. Foi só depois que as pessoas começaram a entender que a decisão tinha sido necessária. Hitler aproveitou o vácuo de poder criado em 13 de maio de 1940 para estabelecer uma administração civil alemã da Holanda<sup>4</sup>.

Anne Frank nasceu em 12 de julho de 1929, na Alemanha. Escreveu seu diário durante a Segunda Guerra Mundial, entre 12 de junho de 1942 e 1º de agosto de 1944, portanto, dos 13 aos 15 anos, na Holanda, onde a família refugiara-se da perseguição aos judeus após a chegada de Hitler ao poder na Alemanha. Ela morreu aprisionada num campo de concentração antes de completar 16 anos. A princípio, escrevia o diário sem a intenção de torná-lo público, mas depois decidiu que o publicaria quando a guerra terminasse.

Tomando como referência o que Guimarães (2005, p. 33) esclarece-nos sobre nome próprio de pessoa “estamos na situação em que o nome está em relação com aqueles que falam, que são o sujeito do dizer”, podemos entender que, o nome próprio e o nome do autor encontram-se situados entre os polos da descrição e da designação; têm seguramente alguma ligação com o que nomeiam, nem totalmente à maneira da designação, nem totalmente à maneira da descrição, mas uma ligação específica. É nessa vertente que apresentaremos como a adolescente utiliza as designações e referências sobre a Guerra.

## **2. A posição-sujeito Anne Frank**

Considerando que o sujeito é afetado pela história, ele é “falado” pelo discurso. Qualquer fixidez de identidade se desfaz nas móveis e flutuantes posições e funções presentes nas formações discursivas.

O diário de Anne Frank, em si, já é a verdade de um saber-fazer-sobre-si-mesmo. Ele remete-nos às falibilidades da escrita e à sua transfiguração para o

---

<sup>4</sup> Tradução nossa. No original: On May 10, 1940, one month before Anne Frank celebrated her 11th birthday in Amsterdam, Nazi Germany invaded the small neutral Kingdom of the Netherlands. The German invasion came as a great shock to the population. Hundreds of people, including many Jewish citizens, committed suicide. As early as the third day of the German invasion, Queen Wilhemina of the Netherlands left the country on board a British war ship. The Prime Minister and the whole cabinet followed suit. The people reacted with outrage and disappointment to the flight of the queen and the cabinet. It was only later that people started to understand that the decision had been necessary. Hitler took advantage of the power vacuum created on May 13, 1940 to establish a German civil administration, the Reichskommissariat of the Netherlands.

simbólico de algo que outrora eles viveram e que, por alguma razão, faz-se necessário presentificar, marca dessa forma, o não esquecimento do que foi vivido. Escrever permite dar um passo a mais na elaboração de algo que não teve seu lugar, daquilo que permaneceu oculto.

A função autor-sujeito para Foucault (1996) é aquele autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência, não apenas como aquele que fala por falar. A respeito dessa lógica temos que:

[...] Seria absurdo negar, é claro, a existência do indivíduo que escreve e inventa. Mas penso que — ao menos desde uma certa época — o indivíduo que se põe a escrever um texto do qual paira uma obra possível retoma por sua conta a função autor: aquilo que ele escreve e o que não escreve, aquilo que desenha, mesmo a título de rascunho provisório, como esboço da obra, e o que deixa, vai cair como conversas cotidianas. Todo esse jogo de diferenças é prescrito pela função do autor [...]" (FOUCAULT, 1996, p. 29).

A posição-sujeito está ligada ao sistema jurídico e institucional que leva o sujeito-Anne a apropriar-se de uma obra, ele determina e articula o universo dos discursos. O autor-sujeito não está no escritor real, aquele que escreve, nem no locutor fictício; ele dá lugar a vários “sujeitos” – eus – concomitantemente e o texto sempre traz consigo certo número de signos que reenviam para o autor. No caso de Anne, as designações de natureza referenciais sobre a guerra são, por vezes, permeadas pela história, considerando que o sentido é uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua com os fatos sócio-históricos.

Nesse entremeio e conforme Orlandi (2003, p. 46), “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”, e conforme a maioria dos diários de adolescentes, identificamos no texto de Anne Frank uma escritura autorreferencial e um tom confessional, que busca desvelamento de uma subjetividade. O pacto entre leitor e escritor permite uma aproximação dessa intimidade que se constrói no texto autobiográfico. O sujeito Anne Frank escrevia o seu diário com a intenção de publicá-lo quando a guerra terminasse, como já dissemos. No entanto, foi seu pai quem realizou o seu desejo e o nome “Anne Frank” ficou conhecido mundialmente.

Ainda sobre essa perspectiva Foucault (2006) estabelece uma série de características e condições que definem a noção de autor. Ele entende que o nome do autor é um nome particular, e que é mais do que uma apresentação/indicação, é em certa medida o equivalente a uma descrição situacional. O nome próprio não tem

uma significação pura e simples, pois segundo ele, o nome próprio e o nome do autor encontram-se situados entre os polos da descrição e da designação; têm seguramente alguma ligação com o que nomeiam, nem totalmente à maneira da designação, nem totalmente à maneira da descrição, mas uma ligação específica. É o caso da obra de Anne Frank, que recebe na obra seu nome, por questões genéricas, sobretudo específicas também.

Diante do exposto, segundo os pressupostos deixados por Pêcheux (2002), que a posição-sujeito Anne Frank corresponde à sociedade atual; ela é um produto histórico, em que os modos de assujeitamento se dão pela relação sujeito com a língua, e que não é simplesmente uma relação de discurso; a posição-sujeito exerce relativamente aos discursos certo papel: Anne é judia e vive imersa em meio a uma sociedade de intolerância religiosa e que tem como representante maior Adolf Hitler.

A protagonista é apresentada como um sujeito moderno, detentora do saber-dizer; é ao mesmo tempo *livre e submissa*; livre para escrever (pensar) e submissa por não poder se expor à sociedade da época, (escondida no anexo secreto por dois anos) determinado pela exterioridade e determinador do que diz. Precipuamente, Orlandi (2006, p. 19) registra que “a interpelação do indivíduo em sujeito do seu discurso se efetua pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina”, em consequência surge a necessidade de exteriorizar suas “razões” de ordem designativas e referencias sobre o que a incomoda.

O teórico Pêcheux (2002) considera que a língua é uma mediação entre o mundo e o homem. Esclarece também que não temos acesso à ideologia do sujeito, senão pelos sentidos. Em uma paralela perspectiva, Guimarães (1995, p. 33) caracteriza que “o mundo é recortado por sua relação com o indivíduo que fala, no momento e lugar que fala. Reaparece, então, o mundo das coisas como existentes que dá à linguagem o que ela significa”.

Na Análise de Discurso, a noção de ideologia parte da consideração da linguagem. Portanto, há de considerarmos e acreditarmos que o trabalho da ideologia é produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. Em suma, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia.

Althusser (1995) é quem vai se debruçar sobre essa relação de “manipulação” entre o estado e sociedade. Para ele, o estado se utiliza de aparelhos para reproduzir na sociedade o que lhe convém. Existem dois tipos de aparelhos: os Aparelhos Repressivos do Estado e os Aparelhos Ideológicos do Estado.

Os Aparelhos Repressivos do Estado (doravante ARE) são aqueles que funcionam pela violência. São aparentes em “situações limites”, pois é pela força e repressão sob armas que eles conseguem manter ordens e se fazerem vistos. São alguns desses aparelhos: o exército, a polícia, os tribunais, as prisões etc. São eles que, por meio de força bruta, querem dominar. Já os Aparelhos Ideológicos do Estado (doravante AIE) funcionam não pela força nem pela repressão, mas pela ideologia<sup>5</sup>. Esses aparelhos podem ser concebidos como diversos ângulos sobre os fatos que nos dispõem as instituições, ou seja, podem ser apreendidos como realidades criadas que chegam até nós através das instituições. São algumas delas: a igreja (Aparelho Repressivo Religioso), a família, a escola (Aparelho Ideológico Escolar ou Educacional), entre outros. Segundo Althusser (1995):

O aparelho (repressivo) do Estado funciona predominantemente através da repressão (inclusive física) e secundariamente através da ideologia. (Não existe aparelho unicamente repressivo). Exemplos: o Exército e a Polícia funcionam também através de ideologia, tanto para garantir sua própria coesão e reprodução, como para divulgar os “valores” por eles propostos. Da mesma forma, mas inversamente, devemos dizer que os Aparelhos Ideológicos do Estado funcionam principalmente através da ideologia, e secundariamente através da repressão seja ela seja ela bastante atenuada, dissimulada, ou mesmo simbólica. (Não existe aparelho puramente ideológico) Dessa forma, a Escola, as Igrejas “moldam” por métodos próprios sanções, exclusões, seleção etc... não apenas seus funcionários, mas também suas ovelhas. E assim a família... Assim o Aparelho IE cultural (a censura, para mencionar apenas ela) etc. (ALTHUSSER, 1985, p.70, grifos do autor).

No caso de Anne Frank, é assujeitada principalmente pelo Aparelho Repressivo do Estado, na figura de Adolf Hitler. Assim sendo, a autora utiliza seu diário para registrar como essas ideologias do acontecimento guerra são marcadas na época.

### **3. Alusão ao Holocausto: sobre as designações e referências**

A designação, ao mesmo tempo, nomeia, refere e qualifica o objeto de sua referência. No caso da relação entre designação e referência, o que se deve atentar é uma relação entre enunciações, entre acontecimentos de linguagem, levando em

---

<sup>5</sup> Althusser, em uma parte do seu trabalho, escreve sobre a ideologia. Para ele, a ideologia está em relação imaginária, pois ela atua em nossas mentes e não em nossos corpos. A principal função dela, dessa forma, é a evidência, “impor (sem parece fazê-lo, uma vez que se tratam de “evidências”) as evidências como evidências, que não podemos deixar de reconhecer e diante das quais. Inevitável e naturalmente, exclamamos (em voz alta, ou no “silêncio da consciência”, “é evidente isso!” “É exatamente isso!” “É verdade!” (ALTHUSSER, 1995, p.94-95 - grifos do autor)

conta que o diário pessoal traz em seu bojo muitas marcas de subjetividade, intersubjetividade, denúncias e memórias discursivas de tudo que viveu, quando ser da religião de ideologia judaica era ser considerado uma raça podre, segundo a ideologia dos nazistas.

De acordo com Guimarães (2005), é importante salientar uma tênue, mas importante, distinção entre nomeação, designação e referência:

A nomeação é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome. A designação é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real. (GUIMARÃES, 2005, p. 9).

A referência, para Guimarães, é vista como um acontecimento particular de algo na e pela enunciação. Levando em consideração que Anne é a autora e, ao mesmo tempo, “condicionada” do forte movimento simbólico – Segunda Guerra Mundial –, acreditamos que o confronto discursivo prossegue através do acontecimento *guerra* e é materializado na obra por meio do que a protagonista escreve em suas reminiscências. Em concordância com Guimarães (2005), não convém diferenciarmos o que, de fato, seja designação ou referência, mas pontuar os limites de sentido de ambos.

A referência resulta do sentido do nome constituído por seu funcionamento no acontecimento enunciativo (momento em que se fala ou escreve). Em outras palavras, no nosso arquivo, esse acontecimento se dá no momento em que Anne Frank escreve em seu diário e não somente quando, de fato, tenha acontecido algo específico. Portanto, não é o sujeito que nomeia, ou refere, nem a expressão, mas o acontecimento, exatamente porque ele constitui seu próprio passado. Sobre referência, alinhado ao mesmo ponto de vista, o site *United States Holocaust Memorial Museum*, que cuida e retrata a enciclopédia do Holocausto, registra que “Holocausto é uma palavra de origem grega que significa ‘sacrifício pelo fogo’. O significado moderno do Holocausto é o da perseguição e extermínio sistemático, apoiado pelo governo nazista, de cerca de seis milhões de judeus” (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, 2015). Quando ela designa, por exemplo, alemães, rajada de metralhadora, canhões antiaéreos e inimigos íntimos, ela atribui nomeação de características que já existem a esses.

Lopes (2009), nesse sentido, explica que designar a Guerra, como a do Iraque, atribui ao país a posse da guerra. Possuir uma guerra não é nem de longe algo

positivo. Em linhas gerais, foi uma ação sistemática de extermínio dos judeus, em todas as regiões da Europa dominadas pelos alemães, nos campos de concentração, empreendida pelo regime nazista de Adolf Hitler, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O ódio aos judeus é chamado de antissemitismo<sup>6</sup>, e muito leitora e conhecedora disso, Anne Frank é afetada por este momento histórico e, em sua escrita, registra maciçamente muitas vezes no diário, designando e referenciando vários fatos e pessoas que ali se enquadrarem no que ela almejava dizer.

Ainda sobre o assunto, Lopes (2013) chama-nos atenção para a designação no seguinte ponto:

[...] a relação de designação é uma relação instável entre a linguagem e o objeto, pois o cruzamento de discursos não é estável, é ao contrário, exposto à diferença. Assumir essa posição é permitir a inserção da história, é tratar o sentido como uma questão enunciativa em que a enunciação seja vista historicamente, é dizer que o *acontecimento* nomeia um referente e mobiliza uma historicidade que lhe é própria. (LOPES, 2013, p. 6).

De acordo com o trabalho de Lima e Santiago (2012) sobre o Diário de Anne Frank, considerando o lado psicológico e lacaniano, compreendem que, Anne ao se fazer protagonista da própria história, no ritmo e na temporalidade própria da escrita diária, o sujeito adolescente pode descobrir um ponto de ancoragem de uma referência significativa. As autoras entendem que a escrita de seu “romance particular” pode funcionar como um operador de subjetivação para o adolescente.

#### 4. Orientações metodológicas

Para uma compreensão das designações e referências da posição-sujeito de Anne registradas na obra “O Diário de Anne Frank”, faremos um gesto analítico acerca da Segunda Guerra Mundial – Holocausto –, Hitler e demais situações caóticas. Selecionamos como arquivo oito trechos desses acontecimentos e neles marcamos os “momentos” em que a posição-sujeito Anne faz alusões, referências e ou designações ao acontecimento Segunda Guerra, seja por uma palavra em si, locução ou um enunciado maior, por vezes, unidos por semelhanças de sentidos, bem próximos; em seguida apresentaremos os possíveis sentidos abstraídos dos escritos

---

<sup>6</sup> De acordo com o site ushmm (2015), o antissemitismo é um dos pontos de partida para tentar compreender a tragédia que se abateu sobre milhões de pessoas durante o Holocausto. Ao longo da história, os judeus têm enfrentado preconceito e discriminação, que são em conjunto o que se denomina antissemitismo.

de Anne sob a perspectiva semântico-discursivo, acerca das construções das designações, que em negrito, marcaremos as passagens mais referentes e designativas à guerra.

O aporte teórico é constituído por Guimarães (1995/2005) e Lopes (2009 e 2013); os conceitos de posição-sujeito, memória e formação discursiva, segundo Pêcheux (2002) e Orlandi (2003 e 2006), além de informações presentes no sites oficiais que cuidam da memória da obra *O Diário de Anne Frank*.

## 5. Gesto analítico das designações e referências na obra

Consideramos que, no trecho abaixo, a posição-sujeito Anne faz menção aos alemães como capituladores, ou seja, com referência àqueles que apresentam como soberanos de certos países:

(1) “[...] primeiro **veio a guerra**, depois a **capitulação**, em seguida a **chegada dos alemães** [...]” (FRANK, 2015, p. 18)

A posição-sujeito Anne, em termos gerais, faz menção aos “malvados” da história, segundo ela, designando-os de alemães, como soberanos e que dominarão a Europa. A protagonista registra que primeiro *veio a guerra* no sentido de “ódio” aos judeus, pois, na Segunda Guerra Mundial, os judeus foram, na maior parte, perseguidos por muitas outras religiões e povos que se sentiam ameaçados por ele. A ideia de vingança que maciçamente Hitler proclamava em seus discursos autoritários se configurou como correto por décadas. A designação de “*capitulação*” refere-se a seu exército fortemente armado e odioso pela perda da Primeira Guerra Mundial. Em seguida, a *chegada dos alemães*, ou seja, aqueles que seriam os capituladores e porque não dizer, **decapitadores** de pessoas, pois as pessoas não tinham ao menos o direito de questionar absolutamente nada.

Nos exemplos 2, 3 e 4 observamos que Anne faz uma referência irônica acerca dos alemães e de outras situações nefastas da época. É perceptível o desgosto que ela apresenta por eles estarem dominando o mundo na época:

(2) “[...] **Excelentes espécies humanas**, esses alemães [...]” (FRANK, 2015, p. 65)

(3) “[...] Fico apavorada quando penso em **inimigos íntimos** que agora estão à mercê dos **monstros mais cruéis** que já assolaram a terra [...]” (FRANK, 2015, p. 81).

O medo de serem descobertos pelas autoridades e o que aconteceria depois disso era constante, como se percebe em inúmeras passagens do Diário. A sutileza em chamá-los de *excelentes espécies humanas* possibilita pensar que a noção de sujeito excelente e ser humano para a adolescente não era aquilo que os alemães expressavam ser. A menina judia reclamava sentidos para tudo o que acontecia ao seu redor. Em muitas passagens no diário, o sujeito Anne se manifesta com muitas metáforas, seja referenciando algo ou alguém ou atribuindo designações das mais diversas em seu diário para se referir à Guerra. Para ela, os *monstros cruéis* remeteriam àqueles que, sem humanidade, tratavam as vidas das pessoas comparadas a animais indo ao abate.

Na época do Holocausto, não só de judeus, mas ciganos, eslavos e outros considerados incapazes, pairaram a ideia de que eles não seriam seres humanos capazes de está entre os demais alemães. Esconder-se, para eles, era uma forma de não irem forçadamente ou enganosamente aos campos de concentração<sup>7</sup>. Na passagem 4, temos a noção do quão era torturante ser encontrada pelos alemães:

(4) “[...] Margot tem 16 anos - parece que eles querem **mandar as garotas da idade dela para bem longe, sozinhas** [...]”. (FRANK, 2015, p. 30).

Devido à cultura e ao conhecimento de Anne, ao designar determinadas situações reais e abstratas que vivia no Anexo Secreto, fazia de forma sutil. Ao invés de dizer *mandar as garotas para os campos de concentração*, diz: *mandar para bem longe e sozinhas*.

Para Pêcheux (2003), a evidência de sentido é o que faz com que uma palavra designe uma coisa, apagando o seu caráter material, vendo aquela determinada “coisa” como um conjunto de formações discursivas que funcionam como uma dominante. O termo *longe e sozinhas* são essenciais para compreensão da designação *campos de concentração*, embora ele não esteja explicitamente registrado.

---

<sup>7</sup> Os campos de concentração criados pelos nazistas serviam principalmente como centros de detenção e de trabalho forçado. Sendo também campos de extermínio ou ("centros de extermínio" ou "campos de morte"), eram quase que exclusivamente "fábricas de morte". (cf. o site ENCICLOPÉIA DO HOLOCAUSTO, 2015).

Para a protagonista Anne, a formação discursiva concreta que ela vivia só remeteria a um fim: à mutilação, aos maus-tratos e à morte; sendo assim, uma ideologia de que os alemães eram soberanos, e sendo soberanos, nenhum judeu ousaria sair de casa.

(5) “[...] Hoje, só tenho **notícias tristes e deprimentes**. Nossos muitos amigos e conhecidos judeus estão sendo **levados aos montes** [...]” (FRANK, 2015, p. 64)

Aqui, no exemplo 5, fica evidente a forma que a posição Anne trata o que escuta principalmente dos que visitam e ajudam os escondidos no Anexo Secreto, e também na rádio BBC de Londres (às escondidas). Para ela, *notícias tristes e deprimentes* e *levados aos montes* é de fato a certeza da ida à morte. Anne designa melancolicamente o cotidiano dos judeus e outros não pertencentes ao partido de Hitler. Apesar de Anne e sua família terem vivido no anexo secreto, ela sabia muito do que se passava lá fora, por elocução dos radialistas e de mensageiros que iam até o esconderijo informá-los. Como o meio de transporte mais comum na época era o trem e que facilitava a levada em massa, muito se ouvia falar em trens sobrecarregados. Muitos dos judeus, induzidos e iludidos de que iriam trabalhar, faziam um percurso sem volta.

É sempre importante relacionar o que Anne designa com a história. Durante a Segunda Guerra Mundial, a relativa calma que ocorreu logo após a derrota da Polônia, terminou no dia 9 de abril de 1940, quando as forças alemãs invadiram a Noruega e a Dinamarca. É em meio a um conjunto de fatores sociais e históricos que Anne faz referência a tudo isso como *coisas terríveis*. Quando enuncia, ela se apropria do contexto histórico em que estava inserida. Como bem diz Guimarães (2005, p. 8), não é uma questão ontológica, mas simbólica. Nessa passagem (6) “[...] **Coisas terríveis** estão acontecendo lá fora [...]” (FRANK, 2015, p.90), analisamos que a todo instante Anne referencia os fatos “extra anexo” como ruins, referenciando à palavra “coisas”. Nota-se que usa em boa parte termos genéricos e pluralizados para indicar uma situação que parecia não ter fim.

Segundo Lopes (2013), ao incluir a história/historicidade nos estudos semânticos formais, o autor concebe a enunciação considerando a noção de acontecimento, ou ainda, a enunciação passa a ser um acontecimento de linguagem, perpassado pelo interdiscurso, constituindo um espaço de memória no acontecimento, que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso,

que no caso em questão, referem-se à guerras já anteriores que tanto ele como sua família já vivenciaram. No exemplo 7, vemos que as designações de natureza adjetivais referem-se aos elementos bélicos bastante utilizados na época.

(7) “[...] De repente, ouvimos uma **rajada de metralhadora**, e isso é dez vezes pior do que os **canhões antiaéreos** [...]”. (FRANK, 2015, p. 97)

A posição-sujeito Anne reforça os elementos da guerra para o seu testemunho de particularidades observáveis, sabendo que os canhões eram aéreos e que as armas seriam metralhadoras. Os instrumentos bélicos eram considerados, na época, objetos comuns e de convívio de muitos. Observamos isso também na repetição que a protagonista faz quando enuncia essa passagem:

(8) “[...] Para mim, é praticamente impossível construir a vida sobre um **alicerce de caos, sofrimento e morte**. Eu vejo o **mundo se transformando** aos poucos numa selva, **ouço o trovão** que se aproxima e que um dia, **irá nos destruir também** [...]” (FRANK, p.341)

Considerando que o discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso, pudemos constatar no trecho acima que o que Anne registrava tinha uma ligação direta com o mundo em caos, pois a noção polarizada do mundo de que existiam as pessoas boas e ruins era o que mais se pregava no imaginário da população da época pela posição sujeito Hitler. A referência a um *alicerce de caos* e à destruição reafirma o sentimento sofrido de Anne no período de esconderijo. É visualizado em muitas passagens que o sujeito Anne desejava que seus pensamentos e sentimentos fossem propagados na futuridade para a sociedade, chamada por ela de atrasada. Isso vem a comprovar bastante quando ela revisa algumas páginas do seu diário, sempre primando pela boa escrita e coerência no que registrava. Porém em outros momentos, deixa marcada a necessidade de que seus escritos fossem preservados.

## 6. Considerações finais

Isolados do mundo, a família de Anne Frank e seus amigos enfrentavam a fome, o tédio e a terrível realidade do confinamento, além da ameaça constante de serem descobertos e mortos.

Nas páginas do seu diário, Anne registra impressões sobre esse longo período de dois anos de esconderijo. Alternando momento de medo, temor, descontração e

uma leve paixão por Petter, fascinada pela história e de como a humanidade se comporta, faz menções a mais sangrenta guerra da humanidade, quando a vida valia muito menos do que se pensa, vida que foi interrompida tragicamente.

Esta pesquisa pode servir como ponto de partida para refletirmos sobre a seguinte indagação: *qual é a importância da designação para a compreensão dos fatos de linguagem?* Na medida em que, estando inserida num ato de enunciação, a designação envolve, concomitantemente, uma dimensão política e social entre os parceiros da interação, a identidade desses sujeitos, no caso aqui Anne, Hitler e outros. Além disso, quando se observam as condições de produção dos enunciados, as memórias e os resultados a que ela reporta, quando se está diante de operações que envolvem o ato de designar, a construção do sentido, bem como os desdobramentos decorrentes dessa operação, é difícil pensarmos numa dimensão em que não estejam envolvidos o semântico-discursivo, o pragmático e o discursivo. Na visão de Pêcheux (2002), as condições de produção podem ser explicitadas sob as seguintes formas:

- 1) Qual imagem faço do ouvinte para lhe falar dessa forma?
  - 2) Qual imagem o ouvinte faz de mim para que eu lhe fale dessa forma?
  - 3) Que imagem faço do referente para lhe falar dessa forma?
  - 4) Que imagem o ouvinte faz do referente para me falar dessa forma?
  - 5) Que imagem penso que o ouvinte faz de mim para lhe falar dessa forma?
  - 6) Que pretendo do ouvinte para lhe falar dessa forma?
- (PÊCHEUX, 2002, p. 21).

Com relação à obra, Anne utiliza, consciente ou inconscientemente, se não todos, esses questionamentos que, para a Teoria Pecheutiana confirma que somos assujeitados na história que vivemos.

Não é exagerado dizer que qualquer pessoa que se depara com o famoso “Diário” se sente, de certa forma, cúmplice dos sentimentos de uma adolescente, quase um confidente, responsável até pela segurança de todos no *anexo secreto*. No entanto, o que se viu a partir da *designação*, mais especificamente, é que, conjuntamente, podem-se exercer duas funções – referenciar e predicar – seja a partir de uma forma e/ou expressão linguística, seja usando um ou mais enunciados com uma orientação referencial que está investida de certo posicionamento. Nesse sentido, com a polarização Judeus e Alemães, é possível ver que a figura de Hitler foi uma mola propulsora de “fazer morrer”.

Percebemos, em boa parte do gesto analítico, um direcionamento voltado bem mais para referência do que designações. Entendemos que a Anne, por ser letrada e costumeiramente ler e escrever possuía facilidade em evidenciar na obra algumas referências do mundo que a cercava.

Tomando a figura do acontecimento Hitler, que representa toda a sangrenta situação daquela época, observou-se que a posição-sujeito Anne faz alusão a ele de forma maléfica. Em muitos momentos foi possível certificar-se que a adolescente não se poupou em discordar em seu diário de um grupo que tomou para si o direito de tirar a vida de milhares de pessoas.

A perspectiva da AD, conforme Pêcheux, nas contribuições da posição-sujeito e de Guimarães no que tange à designação e referência, puderam ampliar as análises e corroborar com as nuances dos escritos deixados por Anne Frank.

## Referências

*ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO*. Disponível em:

<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005143>. Acesso dia 20 de jun de 2015.

*CONTEMPORARY HISTORICAL CONTEXT*. Disponível em:

<http://www.annefrank.ch/contemporary-historical-context.html>. Acesso em 21 de jun de 2015.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. Lisboa: Nova Vega, Passagens, 2006.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**: edição integral. Tradução de Alves Calado. 48ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GUIMARÃES, E. R. J. **Semântica do Acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

LIMA, Nádya Laguárdia de; SANTIAGO, Ana Lydíia Bezerra. **Hystorização e romance**: a construção do personagem no diário íntimo de adolescentes. Revista ágora (Rio de Janeiro) v. XV n. 1 jan/jun 2012.

LOPES, M. **Os nomes de uma guerra e de seus protagonistas**: uma análise semântico-discursiva. Disponível em <<http://www.entremeios.inf.br>>. Acesso dia 10 de jun de 2015.

\_\_\_\_\_. **Folha de S. Paulo**: da produção de sentidos acerca da Guerra do Iraque. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, São Paulo, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Introdução às ciências da linguagem** – Discurso e textualidade. Traduzido por Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni Puccinelli Orlandi (orgs). Campinas-SP: Pontes Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 5.ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. **Disponível em** <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/segundaguerra/>>. **Acesso em: 13 de jun de 2015.**